



Câmara Municipal de Jaguariúna

Estado de São Paulo

Ata da Décima Sessão Ordinária do quarto ano da Décima Sexta Legislatura da Câmara Municipal de Jaguariúna, realizada aos cinco de maio de dois mil e vinte, às dezoito horas e trinta minutos, na Sala das Sessões “Vereador Reynaldo Chiavegato”, da Câmara Municipal, localizada no Edifício Municipal Dr. Sebastião Paes de Almeida, desta cidade. Presidente Sr. Walter Luís Tozzi de Camargo. Vice-Presidente Sra. Cássia Murer Montagner. Secretários Srs. Afonso Lopes da Silva e Cristiano José Cecon. Primeiramente, foi feita a Leitura de Texto Bíblico, conforme Resolução n.º 80, de 21 de fevereiro de 1997, sendo que o Sr. Presidente convidou a Vereadora Cássia Murer Montagner para proferir o seguinte texto: Evangelho de Lucas – Capítulo 6, versículos 43 a 45: “Não há árvore boa que dê mau fruto, nem árvore má que dê bom fruto. Pois, cada árvore se conhece por seu fruto: no meio de espinhos não se apanham figos, nem se colhem uvas dos abrolhos. O homem bom, do bom tesouro que é seu coração, tira o bem; mas o homem mau, de seu mau tesouro, tira o mal; pois a boca fala daquilo de que o coração está cheio” A seguir, o Sr. Presidente determinou a feitura da chamada, onde foi anotada a presença dos seguintes Srs. Vereadores: Afonso Lopes da Silva, Alfredo Chiavegato Neto, Ângelo Roberto Torres, Cássia Murer Montagner, Cristiano José Cecon, David Hilário Neto, Inalda Lúcio de Barros Santana, José Muniz, Luiz Carlos de Campos, Rodrigo da Silva Blanco, Romilson Nascimento Silva, Tais Camellini Esteves e Walter Luís Tozzi de Camargo. Constatando número regimental, o Sr. Presidente, proferindo as seguintes palavras: "Sob a proteção de Deus iniciamos os nossos trabalhos", declarou aberta a Sessão, dando início ao Expediente: Primeiramente, foi colocada em Votação a Ata da Sessão Ordinária anterior, a qual, foi aprovada por unanimidade de votos pelo Plenário e assinada pela Mesa. A seguir, o Sr. Presidente determinou a leitura da Matéria Constante do Expediente: pela ordem, pediu a palavra o Sr. Ângelo Roberto Torres que, baseado no Art. 213, III do Regimento Interno, apresentou requerimento verbal solicitando que fosse dispensada a leitura da matéria oriunda do Executivo Municipal, dos Requerimentos, das Indicações e da Moção dos Srs. Vereadores, bem como a correspondência de diversos, lendo-se apenas a emenda, como constavam na pauta; em discussão e votação, foi o requerimento aprovado por unanimidade de votos; a seguir, foram lidas as ementas dos seguintes ofícios do Senhor Prefeito: 1. Ofício SEGOV n.º 00215/2020 dando resposta ao Requerimento n.º 043/2020 do Sr. Ângelo Roberto Torres solicitando informar qual o motivo de não ter sido feita a poda de árvores em toda a extensão da Avenida dos Ipês, próximo ao Bairro Roseira



Câmara Municipal de Jaguariúna

Estado de São Paulo

de Baixo; 2. Ofício SEGOV nº 00216/2020 dando resposta ao Requerimento nº 041/2020 dos Srs. Cristiano José Cecon e Walter Luís Tozzi de Camargo solicitando ao Procon de Jaguariúna para que fiscalize os abusos nos aumentos de preços após o início da pandemia do Covid-19 (com cópia para o Executivo Municipal). A seguir, dos Senhores Vereadores foram lidas as ementas das seguintes proposições: Requerimentos: 1. Do Sr. Ângelo Roberto Torres – Neguita Torres solicitando à Renovias Concessionária S/A isenção de cobrança de pedágio de caminhões e carretas, nesse período de pandemia (com cópia ao Executivo Municipal); 2. Do Sr. Afonso Lopes da Silva - Silva solicitando ao Executivo Municipal informações sobre resposta à Indicação nº 220/2019, de sua autoria, sobre a mudança na entrada do bairro Reserva da Barra. Indicações: 1. Do Sr. Ângelo Roberto Torres – Neguita Torres solicitando ao Executivo Municipal a troca de lâmpadas queimadas em todo o bairro Roseira de Cima; 2. Do Sr. Afonso Lopes da Silva solicitando ao Executivo Municipal colocação de câmera na entrada do bairro Reserva da Barra; 3. Do Sr. Cristiano José Cecon solicitando ao Presidente desta Casa de Leis, para que determine ao Departamento Jurídico que instrua como o Vereador pode contribuir com seu salário para órgãos e entidades que necessitam, de forma juridicamente correta junto ao TSE – Tribunal Superior Eleitoral, no período de Pré Campanha; Moção do Sr. Romilson Nascimento Silva de congratulações e louvor à Jaguar Indústria e Comércio de Plástico Ltda., pelo seu 42º Aniversário, em 02 de maio de 2020. A seguir, foi lida a ementa da seguinte correspondência de Diversos: Ofício nº 374/2020/SAF/DGI/SEGOV/PR da Sra. Deborah Virgínia Macedo Arôxa, Secretária Especial de Assuntos Federativos - Gabinete da Presidência da República (via email), acusando o recebimento da Moção nº 015/2020 Dos Srs. Walter Luís Tozzi de Camargo, Cristiano José Cecon e Rodrigo da Silva Blanco de apelo ao Excelentíssimo Presidente da República para auxílio à cidade de Jaguariúna por conta da pandemia do Coronavírus. A seguir, o Sr. Presidente colocou em votação as seguintes Proposições, comunicando que se houvesse desejo de discussão, deveriam proceder de acordo com o Art.154, alínea única, do R.I., alterado pelas Resoluções nºs 63 e 91: 1. Requerimento do Sr. Ângelo Roberto Torres – Neguita Torres solicitando à Renovias Concessionária S/A isenção de cobrança de pedágio de caminhões e carretas, nesse período de pandemia (com cópia ao Executivo Municipal), em votação, foi o mesmo aprovado por unanimidade de votos; 2. Requerimento do Sr. Afonso Lopes da Silva - Silva solicitando ao Executivo Municipal informações sobre resposta à Indicação nº 220/2019, de sua autoria, sobre a



Câmara Municipal de Jaguariúna

Estado de São Paulo

mudança na entrada do bairro Reserva da Barra, em votação, foi o mesmo aprovado por unanimidade de votos; 3. Moção do Sr. Romilson Nascimento Silva de congratulações e louvor à Jaguar Indústria e Comércio de Plástico Ltda., pelo seu 42º Aniversário, em 02 de maio de 2020, em votação, foi a mesma aprovada por unanimidade de votos. A seguir, o Sr. Presidente deixou livre a palavra aos senhores Vereadores que quisessem fazer uso por oito minutos e vinte e oito segundos, seguindo ordem de inscrição em livro, sem apartes conforme § 3º do Art. 154 do R.I., versando sobre Temas Livres: pela ordem, tomou a palavra o Sr. Ângelo Roberto Torres que cumprimentou a todos, aos que os assistia, e que ele iria salientar um pouco sobre seu requerimento ali junto à Renovias solicitando o desconto do pedágio para caminhões e carretas no período da epidemia e, falando em Renovias, também, registrou perante os Pares que, no dia anterior, esteve com o Colega Magrão, na Renovias em Mogi Mirim, onde protocolaram lá, um requerimento, solicitando que a Empresa pudesse doar cestas básicas para a cidade de Jaguariúna, através do “Jaguariúna Solidária”, uma vez que muitas empresas vinham contribuindo, vinham colaborando com vários municípios, ali na cidade, também, empresas dali estavam ajudando, haja visto a praça de pedágio da Renovias, estava no Município de Campinas, mas sempre foi, desde que existiu, “Praça de Pedágio de Jaguariúna”, e que poderia lhes ajudar e que sabia que era simples uma solicitação, cabia a eles, cabia à diretoria para estar vendo aquela solicitação para eles; disse que o Engenheiro Francisco que era o responsável pela regional da Região, no dia anterior ele não estava lá, mas ele iria ligar para eles, ali, a pessoa que os atendeu informou que ele iria entrar em contato com eles, viria até a Casa para falar com os nobres Pares e com eles, também; disse que, no dia anterior, ele teve uma solicitação de um munícipe, na questão do bairro Águas do Jaguar, depois da Roseira, na questão da iluminação da rua Cordeirópolis e o mato que estava fechando a rua; disse que sempre soube que aquele bairro iria gerar muitas complicações, haja visto o transtorno já do trânsito que percorria para adentrar àquele bairro; disse que, no hoje, tinha, aproximadamente, quinze famílias morando lá e se via o acesso bem restrito, mas, enfim, se eles pudessem dar uma atenção melhor e que ele falou com a Fernanda, com a Secretária de Obras, ela de prontidão se prontificou a estarem lhes atendendo aquela solicitação na questão da roçagem às margens da rua Cordeirópolis e também a iluminação do trecho que começava a Cordeirópolis até lá na ligação do bairro e que estava tudo no escuro; a seguir disse que estava fazendo o trabalho dele em prol da população e queria ali agradecer à Secretaria da



Câmara Municipal de Jaguariúna

Estado de São Paulo

Educação na questão da refeição das famílias e que ele teve o prazer de visitar uma família de haitianos, família que escolheu este País, que escolheu a cidade de Jaguariúna e tinha dois só da família trabalhando, a esposa foi demitida do serviço, através da epidemia, e que se via que eram pessoas trabalhadoras, pessoas honestas, mas que, naquele momento, precisavam de ajuda, e que queria ali agradecer à Secretária de Educação, a Cristina, que no dia anterior, onze horas da noite, quando ele ficou sabendo desse caso ele entrou em contato com ela, e ela, de prontidão, os atendeu, atendeu àquela família porque eles não conseguiam fazer o cadastro pelo telefone, mas, graças a Deus, tinha dado certo naquele dia e, na segunda, as crianças já iriam receber a marmita, e que sabia que, muitas vezes, se falava que “é uma marmita”, e, entre outras coisas, disse de saudar seu Colega Valdir Parisi, que foi Vereador na Casa, quando ele ingressou na Casa, o Colega era professor e ele sempre comentava, que as crianças mais distantes, as crianças mais carentes, elas não queriam férias, porque elas não tinham alimento em casa; disse que para eles que tinham crianças, ele que tinha seus netos, e via uma família passando necessidades, doía o coração, mas que bom que a Secretaria de Educação e através do Prefeito Gustavo, que ele sabia, também, que tinha um programa do Governo, enfim, as famílias necessitadas, as famílias que precisavam ser atendidas, cabia aí, quem tinha o poder de fazer acontecer; muito agradeceu a todos e desejou boa noite; a seguir, tomaria a palavra a Sra. Cássia Murer Montagner, que a passou; tomou a palavra o Sr. Cristiano José Cecon que cumprimentou a todos, dizendo que, com todo o respeito, vinha fazer uma solicitação, novamente, à CPFL, que voltasse a não mandar cobranças do cartório para contas atrasadas e que voltou agora, em plena pandemia, em plena crise, e que era incabível o retorno, porque através das cobranças deles, foi cancelado por três meses o envio das cobranças via cartório para as residências e a negativação dos nomes, mas era incabível, incabível o retorno naquele momento daquelas cobranças e que estava deixando as pessoas mais pobres, até a classe média, as empresas desesperadas com essas cobranças absurdas, que a CPFL usava o cartório para fazer nas residências, e que buscassem estratégias para possibilidade da diminuição, naquele momento, das tarifas: “Ah! É problema da CPFL, é problema da ANEEL”, disse que era problema deles, que se resolvesse, porque ele podia perder com a crise, ceder, se podia, toda população podia, e uma empresa daquele tamanho não podia ceder naquele momento, e que não entendia; disse, outra coisa que o muito que aquela empresa fizesse ainda era pouco para o tamanho daquela empresa e para o tanto que ela ganhava, o muito



Câmara Municipal de Jaguariúna

Estado de São Paulo

era pouco ainda; a seguir disse que, dentre tantas coisas não boas que eles estavam vendo, ele pôde presenciar uma coisa muito legal que mostrava a verdadeira união das pessoas de bem, o Projeto “Mente Limpa”, conseguiu naquela semana, o Ministério “A Palavra”, do Pastor Paulo Francatti, a doação, onde houve as trocas de máscaras por alimentos, setecentos quilos para a Assistência Social, e ele teve a oportunidade de apresentar para o Guilherme Moraes, e que ele já tinha dito e estava repetindo, era uma pessoa maravilhosa, uns representantes dos Vicentinos, que também vinham fazendo um trabalho espetacular na cidade, da Paróquia Santa Maria, e aconteceu que uma de conotação evangélica, outra católica, e o que eles fizeram? Uniram-se para ajudar a população, e isso era maravilhoso, sobraram cento e vinte máscaras, o Guilherme, o Ministério “A Palavra”, iriam trocar esses alimentos para entregarem para os Vicentinos, para os Vicentinos entregarem para a população; muito agradeceu àquelas pessoas que vinham fazendo diferença e desejou boa noite a todos e que ficassem com Deus; a seguir, tomou a palavra o Sr. David Hilário Neto que disse que iria tirar a máscara para poder falar melhor, e a seguir cumprimentou a todos da Casa, a todos que os estavam acompanhando de casa, e que queria começar sua fala, daquele dia, com uma frase e que estava vendo bastante aquela semana: “o medo utilizado como instrumento de manipulação”, e que isso eles estavam vendo, diariamente, com a Mídia, utilizando do medo das pessoas para conseguir fazer coisas que todo mundo até duvidava que acontecesse; e que era muito triste eles passarem por isso, pessoas oportunistas que usavam dessa fragilidade da população e que falava que, naquele momento, eles tinham que propagar, sim, as situações mais básicas, uso de máscaras, quem pudesse ficar em casa, ficasse em casa, mas que deveriam parar de aterrorizar o povo, achava que esse não era o caminho, e isso eles viam em diversas manifestações, em diversas situações e uma coisa que estava lhe preocupando bastante era a questão dos feirantes que, naquele dia, os encontraram na porta da Câmara Municipal e os feirantes estavam com problemas porque eles estavam há quarenta dias sem trabalhar; o Decreto do Estado de São Paulo não proibia as feiras de funcionar, que feira era alimento, era produto essencial; em todo o Estado de São Paulo estava tendo a feira, estava funcionando de forma normal, apenas com algumas restrições, não podia se alimentar na feira, a questão de toda higiene possível, uso de máscara, como era no supermercado, só que em Jaguariúna, foi diferente: o feirante há quarenta dias sem poder trabalhar, e o que isso tinha em relação com o medo? Disse que, naquele momento, dele de não conseguir um real, porque eles não



Câmara Municipal de Jaguariúna

Estado de São Paulo

tinham como fazer “delivery”, eles não tinham como fazer disk-entrega, eles não tinham como fazer nada, e usavam do medo dele para mudar a feira de lugar, queriam tirar a feira daquela rua ali da frente e levar a feira lá para baixo, próximo a uma outra praça, e que não viessem dizer que a justificativa era a questão da redução de pessoas, de fluxo, porque eles estavam saindo de uma praça e indo pra outra, era mexer numa situação que na cidade já era patrimônio histórico cultural a feira, mais de quarenta anos no mesmo lugar, era usado o medo daquelas pessoas, achando que com o medo de não poder faturar e de não abrir aquela feira no sábado, próximo, eles iriam aceitar qualquer outro lugar e isso iria descer goela abaixo, só que eles eram fortes, estiveram ali na porta da Câmara para receber os Vereadores porque isso não era admissível, e que ninguém estava falando de flexibilização, absolutamente nada, porque o decreto não proibia as feiras no Estado, Jaguariúna era uma das poucas cidades que tinha isso; pediu, por favor que, naquele momento, menos política e mais ação, não deixar as pessoas que podiam trabalhar, trabalhar, já os que não podiam estavam sofrendo demais, para que aumentar aquela dor, perguntou; disse que isso era um problema muito sério que Jaguariúna estava passando, e esperava que aqueles feirantes tivessem uma resposta plausível e que sábado eles pudessem trabalhar e vender o seu produto, e que ninguém estava falando em fazer aglomeração de pessoas, e que era para criar um mecanismo de entrada e saída na feira, onde a pessoa conseguisse comprar e sair de lá e que era muito simples fazer isso, agora, mudar a feira iria ter um gasto com banheiros, que iria ter que ter lá embaixo, água, esgoto, uma série de situações que aumentaria o custo para a cidade; disse que era utilizado o medo das pessoas para conseguir fazer coisas que, infelizmente, não era o correto; disse que eles não sabiam como iria ser agora, no dia dez, se iria ter a flexibilização do comércio ou se o Governo iria estender a questão da quarentena, por isso que ele ia ali e rebatia mais uma vez que ele não estava vendo uma ação voltada para o comércio de Jaguariúna, não estava acontecendo absolutamente nada; ele com o nobre Colega Bozó, o Fundo Municipal do Comércio, para colocar dinheiro na praça, mas, infelizmente, nem resposta eles tiveram, nada era dito, e quando ele falou para o nobre Colega que não sabia se tinha sido eles que protocolaram e se alguém quisesse pegar a autoria, não tinha problema algum, achava que talvez isso caminhasse de forma mais rápida lá em cima, porque por ter sido indicado por eles não servia e eles não estavam ali para fazer campanha política, eles estavam ali para ajudar a população de Jaguariúna, achava que num momento de pandemia como aquele não tinha partido “A”, não tinha partido “B”, existia



Câmara Municipal de Jaguariúna

Estado de São Paulo

a população que estava sofrendo em conjunto; todo mundo ali estava sofrendo um pouquinho e o comerciante também estava sofrendo demais; disse que falava que precisavam ser criados os mecanismos urgentemente para ajudar essa população; disse que conversou com a Associação Comercial, que também era a favor do Fundo Municipal do Comércio que, inclusive, poderia até ser gerido pela própria Associação, para conseguir viabilizar e colocar dinheiro direto no mercado, e era como ele falou, o aluguel de todo mundo chegava, as contas chegavam, os funcionários chegavam, dezoito mil pessoas atuavam no comércio e eles sabiam que as demissões iriam começar a acontecer, que já estavam acontecendo, inclusive nos serviços essenciais; pediu um pouco mais de responsabilidade naquele momento, um pouco mais de transparência, porque uma das outras questões que ele estava cobrando bastante era a transparência com o dinheiro público, porque ele não viu nada no Portal da Transparência relacionado ao Coronavírus, nada, parecia que não teve um gasto na cidade; disse que ele teve uma informação que os custos estavam saindo via Hospital, e que lá era uma torneirinha sem fundo, e que eles precisavam tomar muito cuidado; disse que, na semana anterior, ele fez um requerimento, questionando a Presidente do Hospital, e a Secretaria de Saúde que lhe apresentasse e apresentasse àquela Casa, achava que era o mínimo, já que eles não foram chamados para reunião alguma, para esclarecimento, passando para eles como estavam sendo os gastos, como estava sendo aplicado aquele dinheiro, porque não sabiam se eles tinham visto a criação de seis UTIs, e que Jaguariúna sempre teve UTI, se chamava CTI, mudou o nome, agora com um “U” no lugar do “C”, e que a diferença disso para as pessoas saberem, era que toda cidade que tinha UTI ela era obrigada a abrir para a Regional, e que eles seriam obrigados a atender outros pacientes com os mesmos leitos e o custo da população de Jaguariúna, e que não estava sendo feito nada de novo, o que estava sendo mudado era o nome, e que era bom ressaltar isso para a população, para não utilizar do medo dela e também contar mais “fake News”, que era o que mais eles combatiam naquela Casa, e era o que estava acontecendo; disse que em Jaguariúna existiam os respiradores, existia tudo do jeitinho que estava lá, só estava mudando o nome, e se tivessem alguma desconfiança sobre a fala dele, era para perguntar para qualquer funcionário do Hospital que estivesse lá há mais de um ano, que ele iria confirmar isso que ele estava dizendo; disse de terem um pouco mais de transparência com a população, naquele momento, e, realmente, ajudar as pessoas que mais precisavam, porque não dava para a população, no hoje, quando ia pedir uma cesta básica parecer que estava



Câmara Municipal de Jaguariúna

Estado de São Paulo

pedindo esmola, porque não era isso, o cara era munícipe da cidade, pagava seus impostos em dia e que eles estavam vendo que todos os dias, todos os Colegas Vereadores, tinha certeza, que estava passando por isso, vendo a dificuldade das pessoas na rua e o Poder Público estava ali para, no mínimo, auxiliar nessas necessidades, e, infelizmente, eles não estavam vendo isso acontecer; disse que era basicamente isso, acreditava que todos os nobres Colegas iriam fazer um documento e registrar esse documento pedindo o retorno da feira, que todo mundo tinha ali o pensamento em comum, e que se ele estivesse falando uma mentira, por favor, dissessem em seguida, e a criação do Fundo Municipal do Comércio, que se ele não fosse implantado, implantasse qualquer outra coisa, mas ajudasse o comerciante da cidade; muito agradeceu, desejando uma boa noite a todos; a seguir, tomou a palavra a Sra. Inalda Lúcio de Barros Santana que cumprimentou a todos, ao Presidente, à Mesa, aos funcionários da Casa, e, pegando a fala do Davi, ela também foi parada ali na entrada e as mães pedindo, pelo amor de Deus, que não tirassem a feira, e que eles pudessem trabalhar no sábado, pois estavam passando necessidade, e como eles, Vereadores, sabiam que a todos a população procurava, não era só a ela como a eles, também, e pediu para olharem que o que tinha de gente passando necessidade, pessoas que nunca passaram necessidades na vida e agora por falta de emprego, estavam em casa, estavam parados, e que isso estava um absurdo, como o David falou, e exclamou, meu Deus, estava amedrontando demais, botando medo, e, aproveitando, iam tirar a feira do local, como era um patrimônio histórico, que já estava ali havia quantos e quantos anos, e disse de darem oportunidade para esse povo trabalhar, para esse povo ganhar o dinheiro para suprir, sustentar a família, porque não era fácil, disse a todos, não era fácil; disse que ela não tinha filhos, mas tinha os netos dela, não tinha filhos crianças pequenas, mas tinha os seus netos, e ela sabia o quanto era difícil, e ela olhando aquelas mães ali na porta, aquele sacrifício todo, pedindo que a feira continuasse no sábado, continuasse e que no sábado viesse a funcionar para que eles pudessem trabalhar, para levar o alimento para as suas casas, e que ela era contra tirar a feira do lugar que ela já habitava há muitos anos; agradeceu; a seguir, tomou a palavra o Sr. José Muniz que cumprimentou a todos, Presidente, Vereadores, funcionários da Casa, todos que os acompanhavam, e que queria pegar a fala do Vereador Cristiano Cecon, e o parabenizou e que achava que aquela empresa era a única que não parou no Município, e que achava que ela estava faturando mais ainda, agora com todo mundo em casa, e concordava com ele que era um absurdo, achava que tudo o que eles fizessem



Câmara Municipal de Jaguariúna

Estado de São Paulo

dali para frente ainda era pouco, como o Vereador falou, e que era hora deles colocarem a mão na consciência, e que iria falar do Município de Jaguariúna, que o Brasil e o Mundo estava nessa pandemia e o Município estava sofrendo, a população estava sofrendo, e chegava lá o pessoal do Cartório, com cobrança lá do Cartório, e que iria deixar a pessoa mais em pânico ainda, uma firma que estava super faturando agora, mais do que faturava, e colocando aquele pânico na população; disse que o Vereador tinha o seu apoio, se precisasse do seu apoio era para contar com ele, para ir para qualquer lugar, e onde ele fosse naquela luta, podia contar com seu apoio; sobre a feira, disse que tinha sido surpreendido, naquele momento, com os feirantes, e que não estava sabendo disso, também, e que falaram que tinham feito uma reunião naquele dia, com os representantes da Prefeitura, e deram duas opções: ou saía, e se eles trocassem de lugar já começava sábado, e se eles ficassem ali não iria começar; disse que isso não existia, isso era um absurdo; disse que numa crise que eles estavam passando, desemprego, colocar a faca no pescoço dos feirantes daquela forma, e que isso era inaceitável, e que iria até falar o nome de quem participou da reunião: Valdir de Oliveira, Ícaro e o Jackson da Saúde; disse que se isso, realmente, fosse verdade, isso era vergonhoso, não era dessa forma que eles trabalhavam, ele não concordava com uma palhaçada dessas, isso não existia, e se não tinha o decreto que era para eles estarem trabalhando, não sabia porque eles não estavam trabalhando, porque ninguém levava comida na casa de ninguém, o pessoal precisava trabalhar, e não dessa forma aí, ridícula, que eles foram surpreendidos na Câmara, naquele dia, achava que, no mínimo, eles tinham que ter informado a eles, os Vereadores ali estavam iguais todo mundo, eram os últimos a ficarem sabendo das coisas; e que eles pegavam tudo vindo de surpresa ali na Câmara, isso não existia, e pediu, por favor, e como o Davi estava cobrando ali, e que se eles, os Vereadores, comesçassem a participar das reuniões, também, os colocando a par do que estava acontecendo, ele também, agradecia, o que ele não queria era ser pego de surpresa ali e também da forma que abordaram os feirantes, que isso era vergonhoso; disse que esperava que, no amanhã, tivesse uma explicação para eles, ali da Câmara, ali dos Vereadores, porque isso era ridículo chegar e falar para os feirantes, se eles saíssem dali, fossem para outra praça, eles começariam no sábado, senão eles não iriam começar no agora; exclamou, pelo amor de Deus! Isso não existia; disse que os feirantes tinham o seu apoio, e ele achava que daquela forma eles não iam chegar a lugar nenhum, não sabia o que tinha acontecido, e que ele estava falando o que falaram para eles ali na porta da Câmara, agora se eles



Câmara Municipal de Jaguariúna

Estado de São Paulo

tinham outra explicação para lhes dar, pediu, por favor, que lhes chamassem lá, no dia seguinte, e lhes explicassem, porque não tinha problema nenhum de voltar atrás e pedir desculpas para eles também; a seguir, disse que outra coisa que já cedo, naquele dia, tinha visto vídeos, viu todo mundo comentando, foi da praça Umbelina Bueno, e que tinha um requerimento seu, uma indicação sua da praça ali, e que não tinha como caminhar ali, principalmente sábado, na feira, com os feirantes ali, não tinha calçada, mães não conseguiam andar com os carrinhos de bebê, cadeirantes, piorou, então, ali estava intransitável, e naquele dia começaram a mexer, e que muitos falavam que não era naquele momento, agora na pandemia, e que ele achava que a cidade não podia parar, tinham que continuar, tinham que trabalhar, os departamentos tinham que caminhar, e que começou no agora uma pandemia, e que achava que no agora que tinha sobrado recurso para isso, mas isso, ao seu modo de ver, iria ser de grande valia para o pessoal que usava ali, inclusive ele tinha, não sabia se podia ou não, e que no seu modo de ver estarem replantando aquelas quatro árvores, ele levaria para outro local, mas ele achava que ali não podia mexer, e que na época tinha até comentado com o Fred que ali era um patrimônio histórico, confirmou com o Fred, o desenho da praça, e que na época que ele entrou com o requerimento, procurou o Tomaz, procurou as pessoas responsáveis ali pela praça e que achava que tinha demorado devido àqueles problemas, e que viu o local, iria ficar bom para quem utilizava da praça, estava ganhando um espaço ali muito bom, para o cadeirante andar, e agradeceu à Fernanda, o Valdir e a todos os envolvidos ali, que ele acreditava que iria ser de grande valia para o Município; desejou boa noite a todos e que, por enquanto, era só; a seguir, tomou a palavra o Sr. Luiz Carlos de Campos que cumprimentou a todos, Sr. Presidente, Vereadoras, colegas Vereadores, servidores da Casa, ao pessoal que os acompanhava, e que gostaria de deixar registrada sua solidariedade aos feirantes, como o Zé Muniz tinha falado há pouco, o Fred também estava presente, e alguns Vereadores ali na entrada, eles lhes passaram aquele problema; disse que eles eram solidários para que permanecesse no mesmo lugar, na Praça Umbelina Bueno, e que não era de hoje que aquele assunto vinha ali em discussão na Câmara e sempre foi a concordância dos Vereadores que permanecesse onde ela sempre funcionou e que ele achava que deveria estar aberto mesmo para que eles pudessem estar vendendo, como o David disse, também, se o pessoal tinha acesso ao supermercado, a feira seria até mais interessante porque era ao ar livre, ficaria mais fácil até das pessoas estarem circulando e pelo que eles lhes passaram, também, eles também estariam



Câmara Municipal de Jaguariúna

Estado de São Paulo

tomando todos os cuidados de proteção, não só com eles mas com as pessoas que iam à feira para fazer a sua aquisição; disse ao Sr. Presidente se fosse possível e eles já conversaram um pouco antes do início da sessão, de que a Câmara fizesse um documento, era extensivo a todos os Vereadores, se quisessem assinar, era para que a feira permanecesse onde ela estava e pudesse entrar em funcionamento o quanto antes; quanto à acessibilidade, disse ao Zé, infelizmente, não era um problema de agora, eles vinham dizendo que havia bastante tempo que eles vinham batendo a respeito disso, não era só ali na praça, infelizmente, muitos terrenos sem calçada, a legislação existia, no Código de Postura já dizia que depois de dois anos que tinha o asfalto, tinha a guia, o proprietário tinha que fazer a calçada e que ele achava que era muito mais importante a calçada do que o muro, e que, às vezes, as pessoas diziam que o jaguariunense tinha mania de andar pela rua e, infelizmente, não tinha calçada, tinha que andar pela rua, pelo asfalto, e que tinha um agravante, que vinha dizendo várias vezes ali, também, lá na praça Emílio Marconato, era um absurdo aquilo lá, as pessoas iam, se deslocavam lá do Nassif e iam até o Distrito Industrial, até a Academia que tinha lá em cima, e quem passava por lá via que era frequente, e não tinha onde as pessoas andarem, e tinha, infelizmente, alguns pontos ainda da Emílio Marconato, tinha obstáculos, a pessoa não conseguia, nem que ela quisesse ir pro meio do mato ela não iria conseguir, porque tinha vegetação lá que impedia, cerca viva que impedia das pessoas estarem passando; disse que demorou, demorou para que o Poder Público tomasse uma atitude mais consistente, eles vinham vendo alguns pontos da cidade e que ele acreditava até que a Prefeitura tivesse notificado as pessoas para que fizessem, porque em alguns lugares estava sendo feita a calçada, mas achava que aqueles que não ligavam para notificação, deixavam de lado, não tinha nenhuma punição por parte da Prefeitura, e que ele achava que a Prefeitura vinha encaminhando a solicitação para que fosse feita a calçada, mas não tomava providência para que, de fato, ela fizesse, porque se ela dava um prazo para a pessoa fazer e a pessoa não fizesse, a Prefeitura tinha que fazer a calçada e mandar a cobrança, porque a legislação dizia isso, a Prefeitura podia fazer esse tipo de trabalho, e que estava precisando; em relação à acessibilidade tinha toda a legislação que precisava, tinha até a legislação de dois mil e quinze que falava da acessibilidade, mas era só no papel, infelizmente, a prática, ficava complicado, ficava difícil, e que precisava alguma coisa para que melhorasse essa situação, e que era isso que ele gostaria de deixar registrado, disse ao Sr. Presidente; muito agradeceu e desejou boa



Câmara Municipal de Jaguariúna

Estado de São Paulo

noite a todos; a seguir, tomou a palavra o Sr. Rodrigo da Silva Blanco que cumprimentou a todos, Presidente, Mesa, nobres Vereadores amigos, Secretário de Governo Valdir Parisi, ali presente e que ele queria ser breve e registrar a sua fala sobre os feirantes da cidade, fizeram a presença deles ali na frente da Câmara, naquele dia, pedindo apoio para eles, e que ele também queria assimilar a sua opinião junto aos nobres Vereadores que a feira continuasse no lugar de rotina dela, e que era um lugar que muita gente já cresceu vindo naquela feira, pessoas novas vinham naquela feira, ele trazia seus filhos naquela feira e isso ajudava também a fomentação do comércio ao redor do centro da cidade; disse que achava que seria inviável levar e apartar um pouco a feira do centro, mesmo eles falando que estava no centro, e que ele era a favor dela ficar onde ela estava e que liberasse, como os nobres Vereadores falaram, que era um comércio ao ar livre, e que alguns agentes do Executivo que fizessem jus ao seu trabalho e viessem ali e organizasse melhor, nem que fosse para ficar uma barraca longe da outra, o milho ficasse longe do pastel, que sabia que tinha, desde que, naquele momento de pandemia, eles pudessem trabalhar porque ao seu ver, muita gente da cidade que só tinha aquela renda nos sábados e que ele queria ali só registrar que ele também era a favor da feira ficar onde ela sempre foi, e também para eles estarem brigando para eles poderem trabalhar, porque no Estado inteiro as feiras ao ar livre estavam liberadas, então, ele queria externar seu apoio a isso e também deixar registrado que ele entrou em contato com a ANEEL, porque ele também era um comerciante que dependia disso, e, dentro da ANEEL existia a lei que residência e zona rural tinha noventa dias para estar pagando suas contas sem cortes, e que também não existia de mandar carta do Cartório para os munícipes cobrando, e que foi até onde ele entendeu; comerciante, ele ainda questionou, que estava fechado, que também não tinha renda, e isso não estava acontecendo e que ele também estava achando estranho, naquele momento de pandemia, além dos noventa dias, só se já tinha se passado noventa dias, cento e vinte dias, aí teria que saber a fundo o que estava acontecendo, mas desde então, residenciais tinha noventa dias sem cortes e sem carta de Cartório; disse que também queria registrar ali, a ida deles, ele com o Vereador Neguita, lá na sede da Renovias, em Mogi, e que esperava que o ofício deles fosse atendido, porque, às vezes, o pouco que podia vir de uma entidade tão forte dessas daí, já fossem benefício para a cidade, para as pessoas que mais precisavam; a seguir, disse que queria fazer um requerimento verbal aos agentes públicos da cidade, direcionado à Secretaria de Segurança Pública e Mobilidade Urbana, para que se fizesse um estudo sobre o recebimento do



Câmara Municipal de Jaguariúna

Estado de São Paulo

peçoal dos seiscentos reais ali na frente da Caixa Econômica, e que não adiantava nada, às vezes, a pandemia estar correndo solto por aí, e ali o peçoal, e que, às vezes, não era culpa do peçoal, não era consciência deles, mas ele via que tinha peçoas, tinha agentes públicos que estavam ajudando, às vezes, até a iniciativa privada se organizarem nas filas, por que que não poderia ajudar aquele peçoal? Fechando a rua, colocando uma tenda para tirar a peçoal do sol quente, colocando cadeiras, igual muitos municípios estavam fazendo que ele vinha acompanhando o jornal, pelo menos dando um respeito e também sinalizando, fazendo um metro e meio cada um ali, fechando aquela rua que, às vezes, não tinha muito tráfego de mobilidade de carro, e que ele queria fazer um requerimento verbal que desse atenção, não da parte só do peçoal, na parte também dos estudos da saúde do Brasil que estavam falando e eles estavam vendo tanto os problemas que não podia aglomeração, igual ele estava vendo e tinha certeza que ele já passou por ali e viu muita gente ali e aquelas peçoas estavam precisando de auxílio, e que, às vezes, eles não tinham, estavam tão afoitos ali na fila que eles não sabiam, às vezes, nem coordenar o espaço entre eles mesmos; disse que ia pedir ajuda para aqueles órgãos competentes, que fizesse, que atendesse àquele requerimento verbal, em nome da Câmara, para que se pudesse fechar aquela rua, ou que se pudesse por uma tenda, se pudesse por uma cadeira, e ficar peçoas ali trocando turno e dividindo as filas, ajudando o peçoal da Caixa Econômica, porque, também, o peçoal da Caixa Econômica era concursado, tinha aqueles oito ou dez funcionários, não sabia, estava dando um exemplo, não tinha como por outro, pelo menos até onde ele estava sabendo ali, não tinha como contratar temporário, igual aos outros órgãos, e que estava pedindo ajuda para que olhasse com bons olhos isso daí e lembrando também que, já que a mídia falava, eles estavam ali tentando ajudar a parte do comércio, com todo o critério possível, para não virar uma bagunça, a respeito da doença, mas, também, muitos estudiosos e que ele não menosprezava o trabalho de quem estudava, da ciência, então, supondo que o interior estivesse atrasado quinze dias da Capital, se eles não tomassem aquelas iniciativas, ainda mais com o povo, com a aglomeração, e saber fazer as coisas corretamente e os órgãos competentes ajudarem, achava que podia piorar, e que não era só fazendo ações, tinha coisas que dava para organizar melhor e que ele achava que o Executivo iria atender àquele pedido, com o maior carinho porque isso era um pedido voltado para o povo e para o que mais precisava, ainda, pelo que ele estava vendo; disse: “tá bom?”; agradeceu, desejou que ficassem com Deus e boa noite; a seguir, tomou a palavra o Sr. Romilson Nascimento Silva



Câmara Municipal de Jaguariúna

Estado de São Paulo

que cumprimentou a todos, ao Sr. Presidente, à Mesa, colegas Vereadores, funcionários da Casa, seu amigo, Secretário Valdir Parisi, que sempre se fazia presente nas sessões; a seguir, disse ao Sr. Presidente que, primeiramente, ele queria dar um destaque ali para a moção que ele tinha colocado, que todo o ano ele colocava, parabenizando a Empresa Jaguar Plásticos, empresa que ele trabalhava há quase dezoito anos, confirmou com o Fred, pelo seu aniversário de quarenta e dois anos, uma empresa muito forte em Jaguariúna, confirmou com o Fred, e que achava que era uma das primeiras e que se isso levava o nome da cidade sempre, o Vereador Fred, eles comungavam no dia a dia, confirmou com o Fred, da mesma opinião, conversavam bastante, e eles ficavam preocupados, confirmou com o Fred, com a situação das empresas, enfim, de modo geral, frente à pandemia, e a Jaguar também não era diferente, confirmou com o Fred, e fez os seus ajustes para continuar suas atividades, tentando ao máximo a demissão, se adequando às situações, enfim, não diferente das demais aí, mas como sempre valorizando e prezando pelo funcionário, entendendo que ele precisava daquele trabalho para manter a sua família; a seguir, disse ao Sr. Presidente, que ele queria também falar em relação à feira, e que ele, como todos sabiam, ao longo daqueles quase dois anos e meio tentava uma expansão da feira, aumentar a feira e que tiveram algumas reuniões, algumas tratativas no sentido de aumentá-la ali mesmo no centro, confirmou com o Fred, fazer um “L” pelo menos até a Foto Tropical e a esquina da Pastelaria; disse que chegaram até a fazer um teste um dia de fechar a rua para ver o impacto disso e ele, como sempre, era um defensor do trabalho, as pessoas tinham que trabalhar, e que tinha sua opinião frente àquilo e como voltava a falar, o Fred e ele sempre conversavam, confirmou com o Fred, e se preocupavam com a sequência disso daí, e que achava que não era dizendo que não existia o vírus, o vírus estava aí, existia, mas do outro lado existiam as pessoas que tinham que trabalhar, que tinham suas contas, filhos, confirmou com o Fred, compromissos, alugueis, e que ficavam ansiosos, confirmou com o Fred e torcendo para que passasse logo esse vírus e que começasse, realmente, uma flexibilização por quem mandava, como o Magrão tinha falado, confirmou com o Magrão, que, quem mandava tivesse a serenidade no momento oportuno e correto fazer com que as coisas voltassem a acontecer, e que achava que estavam aí os meios de higienização, álcool gel, as máscaras, que distribuíssem isso daí, e se fosse fazer gasto, que fizesse gasto nessa direção, no sentido de fomentar a volta do comércio, das indústrias e que ele sempre falava isso daí e que falava sempre, e que brincavam com ele que ele não acreditava no vírus, e



Câmara Municipal de Jaguariúna

Estado de São Paulo

que ele acreditava sim, acreditava, tinha medo, não era eterno, iria morrer igual todo mundo, mas como se dizia, cada um sabia onde seu calo apertava, e que viam na televisão, ficava chateado, tal, e que estava vendo, por exemplo, na semana anterior, no Pará, disse aos Srs. Vereadores, e que era um lugar que chovia bastante, com problemas de enchentes, filas enormes da Caixa Econômica, disse ao Bozó, a pessoa com a água na cintura, e perguntou ao Bozó se ele tinha visto, e que eram vinte e quatro horas lá, e que era até desumano, e que ficava chateado, porque o que as pessoas queriam era trabalhar, voltar às suas atividades, e que ele falava sempre que o assistencialismo, eles não podiam trabalhar o assistencialismo como obrigação, de virar rotina isso daí, achava que as pessoas de bem, que era a maioria da nação, do país, elas queriam trabalhar, a dignidade da pessoa era o trabalho, era que se ter um salário e um trabalho, disse ao Presidente, o pessoal tocava a sua vida, de cabeça erguida, e que tinha certeza que a maioria que estava nas filas aí para receber seiscentos reais, confirmou com o Fred, era porque tinha chegado no final da trilha, e que ele sempre falava a quem estava no seu dia a dia, na empresa, tudo, ele sempre falava que nos primeiros dias todo mundo achou bonito, estava gostoso ficar em casa, estava bom, estava indo, só que um mês já se passou, as contas iriam chegar, confirmou com a Tais e que chegava no final do mês tinha o aluguel para pagar, precisava ir no mercado, enfim, conta de água, conta de luz, o Vereador Cecon estava sempre ali cobrando a parte da CPFL, confirmou com o Cris, e que aquelas contas chegavam, e tinha aquela preocupação, e que estava ali, estava o caos ali, seiscentos reais não resolviam nada a vida das pessoas, e que viam aí que o Executivo estava fazendo a parte dele, o Prefeito, na medida do possível, estava tentando ajudar com os mecanismos que tinham, como bem falaram os Vereadores, na parte da Educação, tentado dar uma assistência para as crianças, começou a entregar marmitex, confirmou com o Presidente, kit de legumes, verduras e que o Executivo estava fazendo, o Prefeito estava também limitado porque tinha a questão do Decreto do Governador, que ele não concordava, em partes, confirmou com o Fred, com o Decreto porque achava que estava sendo muito rigoroso nisso daí, e que achava que já tinha que sinalizar uma flexibilização, principalmente, no comércio, mas torcia para que isso passasse e, em relação à feira, também, o Prefeito era favorável sim à voltar a feira, e comentando, no dia a dia, ele queria voltar a feira, disse ao Presidente, e que o pessoal usasse máscara, enfim, caminhasse e que ele não se aprofundou, disse aos Vereadores sobre a questão da feira, e que não estava sabendo em relação àquela mudança,



Câmara Municipal de Jaguariúna

Estado de São Paulo

mas tinha certeza que o Executivo e todos teriam serenidade para que as coisas acontecessem normalmente, sem oneração nenhuma para os feirantes, confirmou com o Fred, porque o trabalho deles, Vereadores, era mediar, ouvir todo mundo e fazer, confirmou com a Tais, para que as coisas caminhassem com tranquilidade, e que não iria entrar nesse mérito da mudança porque ele não estava sabendo, não chegou até ele tal mudança que seria uma situação oportuna para mudar, e que não iria dar sua opinião nessa direção e que voltaria a falar que estava do lado dos feirantes, confirmou com o Magrão, que voltasse as suas atividades aí, e como ele falou, queria até aumentar a feira, aumentar para colocar, porque muita gente o procurava, confirmou com o Fred, sabiam que em Jaguariúna, como a maioria das cidades, o custo de vida era alto, porque eles tinham a demanda de emprego, tinham empresas, tudo, então, elevava o sarrafo, confirmou com o Fred, o sarrafo aumentava, as contas aumentavam, e as pessoas queriam trabalhar, eles os procuravam, enfim, e que eles viam ali, tinham muitos feirantes, principalmente, na frente das duas unidades da FAJ, o pessoal ficou parado, disse ao Fred, e que aí todo mundo tinham um celular, recebiam várias mensagens, o pessoal queria trabalhar e estava em casa, pegava-se um aluguel na faixa de mil, mil e duzentos reais, e que aqueles seiscentos não estavam dando, sem contar as dificuldades que estavam tendo de acessar aquele site da Caixa, que não funcionava, não entrava, não fluía, e que falava mais uma vez que torcia para que passasse logo isso daí e ficava preocupado e que até brincava, comentava no dia a dia com o pessoal, e que falavam que ele estava trabalhando, estava na Jaguar, mas tinha que produzir, queria girar, o dia inteiro, queria trabalhar, queria andar, queria que as pessoas voltassem aí, e que seria legal ver todo mundo na sua utilidade, porque era uma engrenagem e engrenagem tinha que girar, senão travava, o negócio tinha que girar, tinha que funcionar, e como ele falava, estava no dia a dia da empresa, tinha todo mundo suas atividades e via a preocupação das pessoas porque iria chegar uma hora que a conta não iria fechar, e que ele andava ansioso, torcendo aí para chegar logo o dia dez, onze, que tivesse uma flexibilização, principalmente, na questão do comércio, que o comércio voltasse a suas atividades, com segurança, lógico, confirmou com o Fred, e que ele não estava ali propondo loucura, que liberasse todo mundo amanhã e que aumentasse, muito pelo contrário, achava que a vida em primeiro lugar, porque ninguém fazia nada sem saúde, e morrer se acabava a história, enfim e que queria, sim, que as coisas voltassem ao normal, mas dentro de protocolos, confirmou com o Bozó, com segurança, seu devido uso de máscaras, que esse



Câmara Municipal de Jaguariúna

Estado de São Paulo

era o caminho, álcool gel, enfim; voltou a falar, confirmou com o Fred, que eles comungavam da mesma opinião, e que estavam aí no dia a dia, e que estavam na empresa e ficavam preocupados e que eles tinham conta, também, eles não eram diferentes de ninguém, eles tinham compromissos, e que viviam em cima da realidade do que eles ganhavam, confirmou com o Vereador Muniz, e que o Zé também concordava com ele, e que eles tinham o compromisso deles e que tudo voltasse ao normal para todo mundo, para a vida de todo mundo seguir; disse que era isso e desejou uma ótima noite a todos; a seguir, tomou a palavra a Sra. Tais Camellini Esteves que cumprimentou a todos, dizendo que, entrando, naquele hora, na Câmara, teve um pessoal ali fora que a chamou, pedindo, pelo amor de Deus, para falar sobre a feira; e perguntou se ela podia falar, claro e declarado o que ela achava? Não tinha que trocar a feira, não, tinha trocar esse Prefeito e essa cambada da Prefeitura, que queriam por a faca no pescoço das pessoas dizendo assim: “se vocês saírem daqui, vocês trabalham, se vocês continuarem, vocês não trabalham.” Perguntou o que era isso, e que era uma vergonha, e que ela conhecia aquela feira desde que ela tinha um ano de idade, seus avós lhe traziam para comer pastel, e agora eles estavam fazendo isso com as pessoas, perguntou; disse que as pessoas falavam para ela, que ela era revoltada, mas como ela poderia ficar feliz com uma gestão dessa, perguntou, novamente; em plena pandemia, o pessoal pedindo para trabalhar, para trazer as coisas para dentro de casa para comer, o Prefeito lhe dava uma dessas? O que era isso, disse ao Prefeito; pediu para que ele pensasse nas pessoas que queriam trabalhar, e que era isso que a revoltava, era isso que a revoltava, repetiu; pediu para que pensasse com carinho nessas pessoas que estavam chorando ali fora, pedindo pelo amor de Deus para trabalhar, elas queriam trabalhar; eles não estavam pedindo nada, queriam trabalhar, e perguntou se sabiam o que era isso? E que era isso que ela pedia para ele, que fizesse as coisas com o coração, e que agora queria tirar a feira e colocar noutro lugar, obrigando às pessoas a trabalharem se fosse noutro lugar, continuasse no mesmo? Disse que não, que achava errado isso, que ele estava afundando a cidade, estava afundando, e pediu desculpas de falar e que, Jaguariúna era mato para tudo quanto era lado; placa? Não tinha placa; buraco. A rua Maranhão, se passava naquela rua e que achava que era a quarta vez que estavam fazendo o asfalto, e que era dinheiro jogado no lixo; disse que não era a feira que tinha que trocar, não, era a gestão dele, ele e seus secretários, “tá bom?” Agradeceu e desejou boa noite; a seguir, tomou a palavra o Sr. Afonso Lopes da Silva que cumprimentou a todos, ao Presidente, nobres Colegas, ao pessoal que estava em





Câmara Municipal de Jaguariúna

Estado de São Paulo

casa, e disse que o pessoal que o conhecia sabia que ele tinha uma característica muito forte em relação à questão de ouvir as pessoas e que ele achava que eles estavam ali, como Vereador, não para colocar gasolina, mas para estar entendendo o que estava ocorrendo, e propor soluções; disse que também foi parado pelos feirantes e, na verdade, queria entender o que tinha sido aquela reunião, porque pelo que foi colocado lá, não querendo duvidar de ninguém, e que ele até questionou se eles tinham colocado aquela posição lá, e que eles tinham que entender o que foi aquela reunião e outra coisa, levar as reivindicações dos feirantes, e que se foi feito aquela reunião, ele achava que a questão deles colocarem que foi imposta, disse a todos, para serem razoáveis, e que achava que todos os setores que iam falar com o Prefeito estava colocando sua opinião, inclusive o Prefeito estava atendendo algumas sugestões que eram feitas naquelas reuniões de forma setorizada; disse que era claro que eles podiam questionar, enquanto Vereador, podiam ser convidados para aquelas reuniões, eles poderiam ser sim, e que achava que eles poderiam levar, aproveitando o Valdir que estava ali na Casa, que as próximas reuniões que envolvessem qualquer setor, pelo menos o Presidente da Câmara, que os representava, tinha que estar naquelas reuniões, ou chamar os demais Vereadores, e que eles tinham que fazer aquela autocrítica, e que chegar ali, em qualquer situação, ficar colocando pilha, ficar colocando gasolina, não resolvia os problemas, e outra coisa, o pessoal estava pedindo, e que ele também era contra tirar a feira dali; disse que uma coisa, uma discussão era isso, outra discussão era a questão da pandemia e que queria entender daquela reunião o que foi discutido em relação à prevenção, em relação ao vírus, o que foi proposto lá, o que a Prefeitura estava propondo para proteger quem ia na feira, para proteger quem ia trabalhar, e que o momento era esse, deles entenderem isso; agora, tratar as coisas como se fosse o fim do mundo, era para ter calma e entenderem, proporem, levarem as reivindicações dos feirantes; disse achar que o papel deles, como Vereador, tinha que ser esse, entenderam, perguntou, não pegar qualquer coisa e jogar uma bomba, porque assim eles estariam ajudando Jaguariúna e eles estariam ajudando aquela questão dos feirantes; perguntou, ainda, quem estava, quais os representantes dos feirantes que estavam ali, eles não sabiam, e que ele não sabia o que tinha ocorrido naquela reunião, eles tinha que, primeiro entender o que foi aquela reunião, não fazer nenhum pré julgamento e que achava que era complicado isso; disse que outra coisa ali, inclusive no documento que eles iriam mandar, queria que deixasse claro essa posição em relação à questão das providências que iriam ser tomadas para



Câmara Municipal de Jaguariúna

Estado de São Paulo

proteger a população que fosse na feira, para proteger e que queria entender isso; disse que para ele, o principal, era aquela questão, e que o trabalho era importante, mas, naquele momento, o que eles tinham que ficar preocupados era em relação à prevenção que iria ser feita, os cuidados que iriam ser tomados para proteger a população em relação àquela questão do vírus; disse, ainda, que ele apresentou ali uma indicação e um requerimento, em relação ao bairro Reserva da Barra e que achava que já tinha sido debatido ali de toda insegurança que tinha em relação ao acesso ao bairro pela pista que ia para a Posse, na entrada do bairro ali do Reserva, e que ele já tinha feito várias indicações, vários requerimentos, e foram feitas algumas obras lá, só que a que estava feita lá, a questão da segurança viária melhorou, mas não atendeu a expectativa do pessoal que morava naquele bairro; outra coisa, também, que para complicar a questão do acesso ao bairro, também, ali virou um verdadeiro lixão, e pelo que ele vinha conversando no bairro, quem estava jogando lixo ali, entulho, não era o pessoal do bairro, eram pessoas de fora, inclusive, naquela semana, ocorreu um caso absurdo, o morador viu o pessoal jogando lixo lá, parou e foi cobrar, e era uma Hilux parada lá, pelo que falaram, e ele foi cobrar, e o cara falou assim: “Ou você vai parar de falar, ou eu vou atirar”, e o cara tirou uma arma do carro; disse que o morador foi lá cobrar uma coisa correta, cobrar que tinha que cumprir a lei que não podia jogar lixo, e o cara ainda mostrou uma arma, e disse que isso era complicadíssimo, aliás, no País tinha-se que tomar cuidado na questão de passar por cima da lei, daquilo, o pessoal estava mostrando, na verdade, um revolver, quando tinha que mostrar, na verdade, bom senso, e que teve esse caso complicado lá na entrada do bairro, e mais uma vez reforçava a questão de tirar aquele entulho dali e melhorar a questão do acesso ali do bairro; disse que também pediu, através de indicação, para que se colocasse uma câmera de segurança na entrada do bairro, também, porque tinha um problema de segurança ali, e que ali o pessoal, às vezes, roubava e entrava no bairro e virava toda uma confusão, que era para eles estarem preocupados com relação à questão da segurança; disse, ainda, que aquela questão que o Magrão colocou com relação à questão da Caixa Econômica Federal, ele, pessoalmente, estava participando dessa discussão, porque envolvia a questão da categoria bancária e que eles já estavam fazendo várias inserções para melhorar o atendimento, e que eles tinham conseguido avançar muito, avançar do ponto de vista da agência para dentro, os bancários estavam tendo toda uma proteção, estavam sendo tomados mais cuidados, só que eles não estavam conseguindo influenciar, e era por isso que ele aproveitou



Câmara Municipal de Jaguariúna

Estado de São Paulo

porque tinha aquela situação da Caixa Econômica Federal, e que ele foi falar com o gerente lá, com o André e que ele colocou isso, o que o bancário achava daquela questão, e que ele colocou algumas coisas que ele, Silva, realmente, iria levar para o Prefeito, e algumas providências poderiam ser tomadas, a questão de distância, tinha que ter toda uma equipe da Saúde lá para estar orientando as pessoas; outra coisa, também, que eles constataram com o trabalho deles do Sindicato, eles conseguiram montar, como se fosse um escritório, lá em Campinas, dentro do Sindicato para orientar as pessoas sobre o sistema da Caixa Econômica Federal e que, às vezes, o pessoal não sabia o que era um aplicativo, não sabia nem, e que já tinha falado isso, não sabia nem segurar um celular na mão e que tinha toda uma coisa que a Caixa Econômica colocava a tecnologia para a população e era uma questão que a população não dominava e por não dominar tinha que ir lá na Caixa Econômica Federal para o pessoal estar explicando tudo isso; disse que tinha uma amiga sua da Caixa Econômica Federal, que em muitos casos ela pegava o celular da mão da pessoa e começava a explicar, e que eram várias questões, e outra coisa, também, a Caixa Econômica Federal mudou o horário, disse ao Magrão, e que antes o banco abria às dez, estava abrindo às oito horas e ia até as quatorze horas e que isso era um horário nacional e que algumas agências estavam abrindo de sábado, só que quem determinava quais agências, de acordo com a demanda, não era a Região, quem determinava isso era Brasília; disse que algumas iniciativas, mas ele concordava com o Vereador, que do ponto de vista da Prefeitura eles iriam ter que tomar, porque não adiantava nada tomar um monte de iniciativa do ponto de vista da prevenção da Covid, um monte de coisas, quando, na verdade, ali virava um ponto de contaminação, e que, realmente, o Vereador tinha razão; disse que algumas providências foram tomadas lá pelo que ele viu, de distanciamento, era colocado um X no chão, e depois de um metro para trás o outro fica, mas não sabia se solucionava, realmente, a Prefeitura tinha que intervir sobre a questão da porta do auto atendimento para fora, porque lá dentro, pelo que ele viu, estava tudo organizado, e que essas questões eles tinham que estar vendo; em seguida, tomou a palavra o Sr. Alfredo Chiavegato Neto que, depois de cumprimentar todos, disse que era muito bom falar por último porque acabava sintetizando tudo aquilo que foi debatido e, primeiramente, ele sabia que ele iria se estender um pouco, ele queria desejar um aniversário, da Jaguar, maravilhoso naqueles quarenta e dois anos no Município de atividade, e que abriu no Município e que merecia todos os créditos, uma empresa que sempre acreditou em Jaguariúna, teve inúmeras



Câmara Municipal de Jaguariúna

Estado de São Paulo

propostas de levar a Unidade para outras cidades e ela sempre se manteve em Jaguariúna junto com a comunidade, então, parabenizou pelos quarenta e dois anos e aproveitou para dar um parabéns enorme, dia dez, Dia das Mães, um beijo caloroso nos corações de todas as mães e que no ano corrente elas pudessem ter muita paciência porque ele acreditava que os filhos estavam lá próximos, não era daquele dia, fazia quarenta dias que estavam dentro de casa e testando a paciência das mães e ele sabia que elas tinham um coração grande e a paciência ainda maior, mandou um beijão a todas elas e disse que aquele Dia das Mães representava para o comércio nacional a segunda data, só perdia para o Natal, então, seria de suma importância e ele vinha falando sempre que as coisas comesçassem a voltar à normalidade e ele vinha debatendo desde o início da pandemia, e ele ficava chateado quando era pego de surpresa, quando estavam pedindo para voltar à normalidade, e o que era a normalidade? Disse que iria falar em um assunto que foi debatido lá, a feira, que era a feira da Praça Umbelina Bueno que ia da Rua Cândido Bueno até a Rua Alfredo Bueno e era inconcebível a Prefeitura usar daquele artifício, porque se ventilou muito de tirar a feira do local não era daquele dia, ele lembrava de um documento, achava que era um abaixo assinado que foi feito recentemente pelos comerciantes locais, encaminhado para a Prefeitura, para que não se mudasse a feira de local e o que eles tinham visto lá, através daquela reunião que foi formada naquele dia, por funcionários da Prefeitura onde, com a participação da Associação Comercial, diziam para os comerciantes que se eles quisessem voltar a trabalhar, que era algo natural, eles tinham de mudar de lugar e que não dava para voltar à normalidade, tendo uma notícia como aquela, e já que iria permitir e, realmente, lá entravam no medo que as pessoas estavam naquele momento, que era o problema, principalmente, salarial de ter o dinheiro em casa para honrar seus compromissos, de colocar a pessoa na parede e dizer que para trabalhar tinha de mudar de lugar, senão não iria trabalhar, era inconcebível aquilo, ele sabia que iriam fazer um documento lá, ele não queria ser leviano e lá ele pedia aos comerciantes que eram da feira e à Associação Comercial que, também esteve presente, e que se firmasse posição ou favorável ou contrário àquilo que ele iria dizer, porque era importante o apoio da Associação Comercial que eles tinham de voltar à normalidade e a feira tinha de voltar no local sábado já e ele voltava a dizer que ele não queria ser leviano, mas, para ele já deveria estar lá, não deveria nem ter parado, porque as feiras não foram restritas, era muito menos contagioso a pessoa estar em uma feira do que estar em um supermercado, talvez em um hospital, atualmente, porque



Câmara Municipal de Jaguariúna

Estado de São Paulo

ninguém estava indo no hospital, o caixa do supermercado atendia muito mais gente do que um funcionário da área da Saúde, o caixinha que estava lá recebendo, o cara lá, que estava empacotando, estava tendo muito mais contato do que o pessoal da Saúde, porque o pessoal da Saúde só ia em caso específico e ele até ia dar um de utilidade pública lá, só para falar, já que eles tinham a oportunidade de falar para a população, ele iria falar dos casos de Jaguariúna, estava lá a moção dele para que não se mudasse a feira de local, ele sabia que tinha feito alguma coisa, foi no dia sete de fevereiro de dois mil e dezessete que já existiam rumores para mudar a feira de local, foi feito um abaixo assinado dos comerciantes do entorno que queriam que a feira continuasse no local, agradeceu à Alzira, disse que ele iria lá dar os números que tinha e iria começar dos casos confirmados, treze em isolamento domiciliar e oito curados, aqueles dos casos confirmados, não tinha ninguém no Hospital internado com o Covid; casos confirmados vinte e um, treze em isolamento domiciliar e oito curados, ninguém estava internado no Hospital; dos casos em investigação disse que não estavam confirmados ainda, daqueles dezenove, quinze estavam em monitoramento aguardando exames e quatro estavam em internação hospitalar e que não estavam confirmados se estavam com Covid ou não, então, passou mais uma semana e o que ele via, voltava a dizer, dos veículos de informações, não era nada de bom, era só pregando o terror, o medo, e ele achava, na opinião dele, que tinham de voltar à normalidade, o vírus estava lá, ia contaminar as pessoas que tinham grupo de risco, como tinham na Câmara, o Presidente mandou que ficassem em casa, a Prefeitura fez aquilo, mas estavam trabalhando, a Câmara e a Prefeitura estavam trabalhando e várias atividades tinham feito aquilo, eram casos isolados e pontuais que não estavam trabalhando, como shopping centers, comércios da cidade que eram comércios de coisas supérfluas, o cara não iria entrar no comércio, atualmente, com aquela questão da pandemia, ele iria dar um exemplo, para comprar uma roupa, mas deixassem o cara da roupa, se ele quisesse vender com a porta aberta, e ele iria pegar até o gancho da Tais na fala dela, que tinha hora em que tinha de quebrar o pau mesmo, era impossível estarem vivendo naquela roda que não girava, eles conseguiram fazer com que a roda não girasse, que olhassem onde estava indo a humanidade; falou que ele viu uma campanha pela internet, pelo whatsapp, que sabiam que tinha muita gente que estava precisando de ajuda e o cara estava orientado as pessoas, porque tinha muita gente que não tinha vontade de falar, tinha vergonha de falar, de colocar um lenço branco e aquilo tinha de ser divulgado, porque tinha muita gente que estava ficando em casa com aquele





Câmara Municipal de Jaguariúna

Estado de São Paulo

medo e passando necessidade, então, os meios de comunicação tinham de dar uma luz no fim do túnel, não poderiam pedir para ficar em casa, e que o ser humano era sociável, tinha de ter contato; lembrou que ele tinha vinte e quatro anos de vida pública e viu falar que tinha muita gente passando necessidades e tinha mesmo, mas o que ele mais ouviu falar ao longo dos vinte e quatro anos e os colegas dele poderiam falar contrário contra ele se fosse errado o que ele estava falando mas, era o emprego, mais do que pedir ajuda em alimentação, ele recebeu muito mais solicitação de emprego, do que ajuda de alimento; naquele momento o Sr. Presidente informou ao orador que o tempo de fala dele havia se esgotado, e ele continuou dizendo que só iria concluir pedindo para que deixassem o pessoal trabalhar, o resto as coisas iriam voltando à normalidade, com tudo aquilo que aprenderam com as questões de higienização e informação; desejou mais uma vez boa noite a todos; a seguir, tomou a palavra o Sr. Walter Luís Tozzi de Camargo que, cumprimentou a todos, dizendo que, diante da colocação do nobre Vereador Fred, era verdade que o privilégio de ser o último, ele achava que conseguia acompanhar o raciocínio de todos, ele era um privilegiado, naquele sentido, e ele tinha algumas colocações a fazer diante de fatos que ocorreram naquela semana e ele achava relevantes diante do contexto que estavam vivendo; falou que, no dia oito de abril, a bancada do MDB, composta pelos Vereadores Rodrigo Magrão, Cristiano Cecon e ele, enviaram uma moção de apelo ao Presidente da República e ao Governador de São Paulo, pedindo para eles uma atenção especial para a cidade de Jaguariúna na questão da Saúde e da Economia, e a grata surpresa, que ele levava a todos, era que a moção deles chegou até o gabinete da Presidência e, naquela semana, eles retornaram do encaminhamento daquela moção à duas Secretarias competentes para o assunto, foi enviado um ofício ao gabinete do senhor Eduardo Pazuelo, Secretário Executivo do Ministério da Saúde e outro ofício ao senhor Marcelo Pacheco dos Guaranis, Secretário Executivo do Ministério da Economia, eles diziam na moção que, realmente, era um problema muito grave que estavam vivendo na Saúde Pública, não dava para negligenciar que o vírus não matava, porque ele matava, sim, o vírus era altamente contagioso, só que eles tinham de trabalhar naquele contexto com as duas vertentes, a da Saúde e da Economia e daí era muito fácil eles olharem pelos meios de comunicação como todos lá estavam colocando, para as grandes cidades, mas ninguém lembrava de Jaguariúna que era com sessenta mil habitantes, que era pequenininha, mas que também tinham os problemas e que também na Saúde, então, era importante que o Governo visse



Câmara Municipal de Jaguariúna

Estado de São Paulo

que também existiam e que também outras cidades e, naquela moção, eles colocavam aquilo, e que aquela atenção deveria ser redobrada, no sentido de pedir respiradores, pedindo EPIs, para os profissionais de Saúde para não se contaminarem no combate ao vírus, pedindo mais implementos para fazerem os testes, que era muito importante testar a população, mas também pedindo uma atenção para o pequeno e médio produtor, para o empreendedor que também fazia a roda da riqueza girar, que fazia a economia funcionar, e graças a Deus, e lá ele tinha de render seus agradecimentos ao Presidente da Republica, ao Gabinete da Presidência que fez a voz da pequena Jaguariúna chegar até o Ministério; parecia que era tão impossível e tão distante mas, eles tinham de fazer alguma coisa e mostrar que problemas da cidade tinham de ser atendidos; lembrou que, na mesma data, mandaram ao Governo do Estado de São Paulo e, até aquele momento, ainda não tiveram retorno, aguardando o retorno do Governador para que também mostrasse as medidas para o Estado e para o Município; focou em uma situação que lá foi debatida e disse que ele teve o privilégio, no sábado e depois no domingo, de passar uma entrevista com o professor, doutor Mário Sergio Cortella, na CNN, onde ele participou de um debate com alguns jornalistas e o tema era pós pandemia, o que seria do mundo quando acabasse tudo aquilo, e o professor Mário Sergio Cortella com o seu conhecimento, a quem ele admirava e respeitava demais, ele colocou algumas situações que resumia um pouquinho de cada um lá na sua percepção pessoal, onde ele dizia qual a diferença entre emergência e urgência e ele explicava que a emergência era a saúde, porque se não tivesse o respirador, se não colocasse a pessoa lá, ela morria, aquilo era emergência, era naquele momento, não dava para esperar, mas ele também falava que a economia era urgente e o urgente era logo, era de lá há pouco, não dava para esperar também, uma tinha de ser feito prontamente, a outra tinha de ser planejada e executada para poder a coisa funcionar; disse que lá ele achava que a percepção de todos eles foi aquela, falaram da feira, falaram das dificuldades que toda família passava, não dava para fechar os olhos para a realidade; o Município enxergava o que o Governo Estadual e o Governo Federal, muitas vezes, não enxergavam mas, eles tinham a obrigação de fazer a voz daqueles pessoas que não tinham, chegar até lá para que eles decidissem, porque quem fez o decreto do que eram medidas emergenciais, o Presidente da Republica, ele falou aquilo era, aquilo não era, foi ele quem fez, não foi o Prefeito, não foram os Vereadores, foi o Presidente; quem decretava se faziam a quarentena e fechavam o Estado era o Governador, então, ele também tinha de sentir aquela sensibilidade do que estavam passando





Câmara Municipal de Jaguariúna

Estado de São Paulo

na pele aqui embaixo, aquilo era importante e eles tinham a obrigação de fazer aquela ponte e ligar aqueles pontos, então, diante daquele cenário, ele via algumas ações serem desenhadas e via ações solidárias recentemente, pessoas ajudando o outro, doando alimentos, sendo solidárias no momento de maior crise; ele via pessoas abrindo mão de benefícios que poderiam ter, para poderem ajudar o outro, ele via empresários tentando manter o emprego a sacrifícios, muitas vezes até de empréstimos altos, mas para poder manter o emprego e todos tinham de ter a sua parcela de sacrifícios, mas o Estado também, e lá eles colocaram uma situação que, realmente, os deixavam desconfortáveis, não era momento de fazerem notificação judicial para quem não pagou a conta de energia, até porque estavam suspensos os noventa dias, e as famílias de baixa renda tinham o direito de não pagar energia, tinham de se cadastrar e procurar o Governo, não dava para aceitar aquilo; e por fim, já terminando o raciocínio dele, disse que teve o conhecimento através da liderança do MDB, Deputado Baleia Rossi, naquela semana, onde ele questionava o projeto de lei que foi aprovado no Senado sábado, projeto que transformou o apoio aos municípios, aos Estados, mas tinha de ter contrapartida e ele não sabiam se todos sabiam, os salários dos servidores públicos, suas vantagens e progressões estavam congelados até o ano de dois mil e vinte e um, mas não ficou só naquilo, também impactou uma relação na questão do ICMS, também impactou na relação do Estado com os Município, do Estado com a União, foram regras que foram colocadas e ele questionava o Deputado e ele dizia que aquela situação foi costurada entre o Senado e o Governo Federal, e ainda o informou mais, nos seus vinte e quatro segundos, que o Município de Jaguariúna iria receber diante daquele projeto para a área da Saúde, no combate ao Coronavírus, seis milhões quatrocentos e cinquenta mil, oitocentos e dezenove e trinta centavos, aquela era a fatia do bolo que o Município receberia depois daquela lei aprovada que seria aplicada contra a pandemia, então, diante de tudo aquilo só para finalizar, disse que ele entendia tudo o que foi dito, era solidário na questão da feira também, era um assunto que estava esgotado naquela Casa, mas ele voltou, ele achava que a economia era urgente e a saúde era emergência, então, tinham de tratar daquela forma aquele momento; agradeceu a todos. Terminado o Expediente, o Sr. Presidente suspendeu a sessão por 15 (quinze) minutos, conforme determinava o Art. 149, Parágrafo Único, do Regimento Interno. Terminado o prazo concedido, o Sr. Presidente reabriu a Sessão determinando a feitura da chamada, onde foi anotada a presença dos seguintes Srs. Vereadores: Afonso Lopes da Silva, Alfredo



Câmara Municipal de Jaguariúna

Estado de São Paulo

Chiavegato Neto, Ângelo Roberto Torres, Cássia Murer Montagner, Cristiano José Cecon, David Hilário Neto, Inalda Lúcio de Barros Santana, José Muniz, Luiz Carlos de Campos, Rodrigo da Silva Blanco, Romilson Nascimento Silva, Tais Camellini Esteves e Walter Luís Tozzi de Camargo. Constatado número regimental, o Sr. Presidente deu início à Ordem do Dia: Em Primeira Discussão seria apreciado o Projeto de Lei Complementar nº 002/2020 do Executivo Municipal, que altera, conforme especifica, a Lei Complementar Municipal nº 209/2012, que dispõe sobre o regime jurídico único estatutário, regime próprio de previdência social e plano de cargos, carreiras e vencimentos dos servidores públicos integrantes do quadro funcional da Administração Pública Direta, Autárquica e Fundacional do Município de Jaguariúna, e dá outras providências. (Quorum de deliberação: maioria absoluta: Art.50, § 1º, III do R.I., c/c Art.42 da LOM), porém o Sr. Walter Luís Tozzi de Camargo apresentou requerimento, baseado no Parágrafo Único do art. 229 do Regimento Interno, solicitando vistas ao projeto de Lei Complementar nº 002/2020 do Executivo Municipal, ora em discussão. Em discussão, o pedido de vistas, pediu a palavra o Sr. Walter Luís Tozzi de Camargo dizendo que aquele requerimento tratava da questão administrativa da ROMU, que era um segmento da Guarda Municipal e há duas sessões atrás o Vereador Alfredo Chiavegato solicitou adiamento da votação, por duas sessões, o qual tiveram de colocar em pauta por força regimental, naquela sessão, e ele gostaria de pedir vistas, naquele momento, para uma análise mais aprofundada da matéria, para que eles pudessem com mais profundidade apreciar o projeto, então, ele gostaria de contar com a colaboração dos nobres Vereadores na votação do requerimento de pedido de vistas ao projeto de lei em epígrafe; em seguida, pediu a palavra o Sr. Afonso Lopes da Silva dizendo que ele entendia a legitimidade de qualquer Vereador de pedir vistas do projeto, mas uma coisa que ele tinha observado e ele não estava falando no caso do Waltinho, mas as pessoas pediam vistas e, no ponto de vista da discussão coletiva entre os colegas, eles acabavam não entendendo porque que o colega pediu vistas, se avançou, se não avançou, se avançou, o que foi discutido se estava correto, então, tinham de tomar cuidado naquela questão das vistas, até para eles manterem o respeito com o coletivo, como ele disse, ele não iria falar nome para não ficar chato e não iria falar nem prazo, nem data, mas ele achava que alguns tinham pedido prazos e não tinham avançado em nada e eles voltavam na mesma coisa do que antes de ter pedido a questão de vistas; em seguida, pediu novamente a palavra o Sr. Walter Luís Tozzi de Camargo dizendo que ele



Câmara Municipal de Jaguariúna

Estado de São Paulo

gostaria de justificar o pedido dele mais claramente e que ele encontrava algumas inconsistências no projeto, da análise jurídica e aquelas inconsistências somente surgiram ao avançar do projeto; disse que ele entrou na Casa no dia nove de março do corrente ano e ele avançou lá por uma discussão longa na Comissão, por duas reuniões de Comissão, o qual ele também esteve presente, porém, situações ocorreram ao longo daquele prazo, entrando em outros ordenamentos jurídicos que viviam, diante daquilo, ele acreditava que cabia uma reflexão maior entre a Câmara Municipal e o Poder Executivo para aquele projeto, por isso que ele pedia encarecidamente, ele comungava em parte da opinião do Vereador Silva, algumas situações tinham de ser mesmo e na Comissão era o momento mais certo daquilo, não era fora da Comissão, não era da sessão, mas aquele, infelizmente, naquele momento, era necessária uma análise, para que não fizessem lá nada de errado na votação dele; em seguida, pediu a palavra o Sr. Alfredo Chiavegato Neto que, depois de cumprimentar a todos, disse que só para aproveitar o gancho naquela discussão de adiamento e vistas no processo, o que eles votavam lá impactava, em muito, a Administração Pública e a sociedade e nada mais justo de ter aquela prerrogativa de pedir um tempo maior para conhecer um pouco mais do projeto, aquilo porque, às vezes, alguns colegas não participaram ou não participavam de determinadas Comissões que analisavam quase todos os projetos, e só para deixar claro, um projeto, se fosse em regime de urgência, ele teria um prazo máximo para ser votado de quarenta dias, urgência e quando não era urgência, poderia levar o tempo que fosse necessário e aquela Casa sempre se habituou em votar o quanto mais rápido os projetos mas, a partir do momento que pedia vistas ou adiamento, ele acha que nada mais justo, para que aquilo fosse, realmente, e ele tinha a certeza de que deveria ter acontecido com o nobre Presidente, também, de que quando a discussão se pautou na Comissão e na Casa, talvez pessoas ficaram sabendo, a partir de lá, e os procuraram dizendo que tinham questões que poderiam ver, aquilo no ponto de vista dele enriqueceu o projeto, no caso dele foi a título de ouvir os dois lados daquilo que estava sendo proposto e ele achava que o Presidente também, e com um olhar mais jurídico da questão, então, pediu desculpas ao nobre Vereador Silva, mas ele achava que todo debate enriquecia, sim, e eles não estavam com a faca no pescoço para votar um projeto de lei, não importava a complexidade dele, ele tinha de ser debatido o mais extensivo possível, e quando tinha um pedido de um colega, não importava quem fosse, ele achava que cabia a Casa dar à aquela pessoa, aquele direito, não era segurar o projeto, não querer que ele votasse,



Câmara Municipal de Jaguariúna

Estado de São Paulo

pelo contrário, ele sempre seria favorável e esperava que os nobres Pares também acompanhassem aquele pedido de vistas e ele achava que todos acompanhariam, e outros projetos também viriam e tinham de dar aquela atenção ao Vereador que solicitava aquilo, ele ia dizer e ele tinha a oportunidade de participar das reuniões de Comissão, porque ele fazia parte da Comissão de Constituição, onde a maioria de quase todos os projetos passava por eles e ele tinha um pouco de conhecimento de quase todos os projetos, mas ele sabia que eram três membros só, os outros nove membros não participavam e participavam só quando as reuniões eram em conjunto e que cabiam a todos participarem, mas enfim, ele queria só deixar claro o seu posicionamento com relação aos pedidos de adiamento e de vistas, não era para atrapalhar o projeto, pelo contrário, era para enriquecer o debate e esclarecer dúvidas que, às vezes, não tinha a necessidade de colocar de novo para a Comissão ou para a Casa. A seguir, em votação o pedido de vistas, foi o mesmo aprovado por unanimidade de votos e Projeto de Lei Complementar nº 002/2020 do Executivo Municipal, que altera, conforme especifica, a Lei Complementar Municipal nº 209/2012, que dispõe sobre o regime jurídico único estatutário, regime próprio de previdência social e plano de cargos, carreiras e vencimentos dos servidores públicos integrantes do quadro funcional da Administração Pública Direta, Autárquica e Fundacional do Município de Jaguariúna, e dá outras providências foi encaminhado para a Ordem do Dia da Décima Primeira Sessão Ordinária a ser realizada no dia doze de maio de dois mil e vinte. Terminada a Ordem do Dia, o Sr. Presidente deu início à Explicação Pessoal dos Senhores Vereadores, que se manifestariam sobre atitudes pessoais assumidas durante a Sessão ou no exercício do mandato (Art. 168, R.I.): Pela ordem, tomou a palavra o Sr. Alfredo Chiavegato Neto que desejou boa noite a todos, novamente, e disse que, só para concluir o que ele vinha falando no Expediente, era o seguinte, e que tinha deixado claro no seu posicionamento com relação à feira que foi muito debatida lá; na sua opinião, ela deveria voltar já no sábado e ele acreditava que foi claro o posicionamento, já naquele sábado, no mesmo local onde sempre esteve com o apoio daquela Casa e ele sabia que seria feito um documento lá e quem quisesse estar favorável iria assinar e que aproveitava o Secretário de Governo que estava lá que, era o Valdir, sempre solícito e que acompanhava e que ele levasse uma via e protocolasse junto à Administração Pública e que, a Administração pudesse permitir a livre vontade daquelas pessoas que queriam usar daquele espaço público para poder trabalhar e, pegando um gancho daquilo que foi dito pelo nobre Vereador Zé Muniz, a



Câmara Municipal de Jaguariúna

Estado de São Paulo

Prefeitura, no local, estava executando um trabalho, não era, perguntou; se demorou muito tempo para ser feito ou não mas, estavam ali no local trabalhando e não tinha o porquê não permitir que outras pessoas ali trabalhassem também, então, ele pediu aquela sensibilidade da Administração Pública e daí achava que tinha que pesar o força da Câmara Municipal que era uma vontade de todos eles e que foi, explicitamente, apontada lá e que eram representantes de uma camada grande da população, que a feira continuasse na sua normalidade, no sábado e no mesmo local, era aquilo que queriam deixar claro e ele quis deixar claro, inclusive, pedir o apoio da Associação Comercial que esteve presente na reunião e que ele, Fred, não esteve presente e que ficou sabendo que foi o Secretário de Desenvolvimento Econômico, um representante da Saúde e um representante da Fiscalização; ora, se já era permitido, através de um Decreto Municipal, melhor dizendo, Estadual, em que as feiras livres pudessem estar trabalhando por que já não estava a “nossa”? Então, feirantes, comerciantes que utilizassem daquele espaço e ele esperava que ali a vida pudesse voltar a normalidade com todo o respeito à higienização e às normas que foram apresentados para seguirem e que fosse feita e ele esperava que, no sábado, eles estivessem lá, se dependesse da vontade dele e da grande maioria da Câmara Municipal, aquilo seria possível e esperava que a Administração a fizesse, também; disse ainda que, gostaria de deixar claro um posicionamento, que ficou sabendo há pouco que, a partir do dia sete, ou dia oito, talvez o Governo do Estado estaria multando quem não estivesse usando máscaras e, conseqüentemente, levaria até a prisão, daí ia o apoio dele ao Governador que aquilo era algo inconcebível; se quisesse obrigar alguém a fazer alguma coisa que desse as condições necessárias para que se pudesse fazer, tinha gente que não tinha dinheiro para comprar comida e ia comprar máscara ou ia fazer? Diante de manifestação no Plenário, disse que ele ficou sabendo, era incabível, era incabível o posicionamento daquele, já que podia comprar muito através do orçamento de guerra e não tinha prestação de contas aos Legislativos, que comprasse máscara e desse para toda a população, era o mínimo; agora ele ficou sabendo, também, que estava soltando bandido para ficar em casa para prender o cidadão de bem que, talvez, quisesse fazer algo que era feito no hoje em dia, trabalhar; então, tinha que tomar cuidado quando todo mundo falava a mesma coisa, ainda mais os meios de comunicação “fique em casa”, quem ganhava com aquilo era só os grandes grupos; aquilo que o Cecon falou da CPFL era inconcebível num momento como aquele; receber um protesto dizendo que não pagou a conta de energia, sabendo que todo mundo estava



Câmara Municipal de Jaguariúna

Estado de São Paulo

livre daquela obrigação por um período, não era, perguntou, não que estivesse isento teria que pagar um dia, mas era inconcebível aquilo; daí ele deu outro exemplo para eles, dizendo que recebeu no seu celular, dia vinte e três, o banco o qual ele trabalhava e daí disse que não ia dizer o nome mas, disse que era o Banco Itaú, mandou para ele e que tinha um limite de crédito e mandou uma mensagem dizendo que o limite de crédito, a partir do dia seguinte, iria cair, e não que iria nem falar o tanto que caiu porquê iam ficar com dó dele, o salário de Vereador não pagava; disse que ele ligou para o banco inconformado com aquilo, foi uma mensagem para todo mundo e que estavam analisando caso a caso porque estavam preocupados com a COVID; Disse que se todo mundo estava precisando de crédito num momento como aquele, estavam cortando crédito, exclamou; não que ele utilizasse mas, num momento, daí para frente poderia ser que utilizasse, ele precisava ter alguma coisa e, pagando caro, para poder dar respaldo aos seus credores, era o mínimo, daí perguntou se alguém viu alguma empresa de cartão de crédito dizendo assim: “não precisa pagar agora, vou parcelar”, ele achava que podia parcelar, só uma vez e não podia parcelar duas, se parcelasse uma vez não poderia parcelar mais, alguém prorrogou aquilo dizendo que não precisava pagar, o juros ia ser zero, pagava em dez vezes, ninguém falou aquilo, eles estavam falando de coisa pequena, o mundo no hoje estava virando em grandes corporações, o que a CPFL fazia, disse ao Cecon, eles eram cobaias, Jaguariúna era cobaia e que era uma empresa Chinesa que adquiriu a CPFL, grande parte acionária, era uma empresa Chinesa; o que ela fazia no hoje em Jaguariúna era teste, a troca de relógio começou em Jaguariúna; o negócio de proporcionar o Cartório era Jaguariúna, por quê? Porque eles sabiam que tinha uma credibilidade grande e sabia que a população pagava, tinha um poder aquisitivo maior; então, se pegasse no hoje quem estava ganhando com aquilo eram os grandes grupos que queriam matar os pequenos, ninguém crescia no mundo se não fosse grande, não tivesse com conglomerado, que pensassem daquela forma; disse que ele estava falando sério a começar pela feira que era gente pequena que estava fazendo o seu trabalho, aquilo era com todo mundo, que queriam matar, a partir daquele momento de pandemia, eram os pequenos, os comércios que existiam ao logo do mundo que não estavam ligados àqueles grande conglomerados, que era a preocupação deles a começar pela mídia; disse que no hoje, a ferramenta maior de mídia que tinham era o “whatsapp”, acabou a credibilidade de qualquer jornal, o jornal matava uma família, acabava com a escola ou fazia qualquer coisa e, depois se tivessem errado, eles davam uma notinha lá



Câmara Municipal de Jaguariúna

Estado de São Paulo

embaixo; no hoje, não, se ele mandasse uma notícia, um “fake news” para uma determinada pessoa, alguém poderia questioná-lo, porque quem tinha mandando foi ele, tinha que responder e ter a responsabilidade; daí disse para perguntar aos “caras” se conseguiam um espacinho para falar em qualquer televisão e questionar algum posicionamento numa rede de televisão no hoje, eram raros; ele estava vendo na CNN, um canal que fazia uns trinta dias que estava lá, eles estavam fazendo um jornalismo diferente, com debate, colocando os dois lados, discutindo, aquilo era interessante para a população esclarecer a opinião e ela tomar para si o livre arbítrio, então, ele gostaria e voltava a dizer, de tentar falar para a população que existia uma luz no fim do túnel e tinha a vida, tinham de viver, não iam se preocupar, era lógico que com as..., mas não poderiam deixar de viver, por causa de um vírus, e em Jaguariúna, se falou no início que iria matar dois por cento da população mundial, ele não sabia qual era o número da população mundial, mas ele achava que passava de oito bi, dois por cento de oito bi seriam um bilhão e seiscentos, ele não se lembrava de números, mas não chegou a zero vírgula dois, não chegou àquilo ainda e se alguém pudesse fazer o cálculo para esclarecer direito porque a cabeça dele não estava ajudando, então, não era todo aquele bicho que estavam falando por aí, estava fazendo o tratamento errado, cento e sessenta milhões de pessoas e seria quase o Brasil inteiro, não chegou àquilo, chegou a zero dois por cento por enquanto, a estimativa era de dois por cento, por isso que criou aquela preocupação na humanidade, então, ele queria dizer para voltarem, com toda a inteligência e cuidado de todos, à normalidade, eles não poderiam se sujeitar àquelas pessoas que falavam uma coisa para todos, só ficar em casa, não davam um norte e ficar em casa fazendo o que o dia inteiro? Ele precisava trabalhar, precisava se congrega, precisava ajudar o irmão, precisava se solidarizar, precisava fazer tudo aquilo e tinha gente fazendo aquilo, estavam de uma certa forma na rua, não estavam em casa, então, era algo que era tudo o que eles precisavam para ganhar um pouquinho da credibilidade que eles perderam por falar tanta besteira para eles e estavam falando ainda; naquele momento, o Sr. Presidente informou ao orador que o tempo de fala dele havia se esgotado, e o Vereador continuou dizendo que mais uma vez ele queria desejar a todas as mães um feliz Dia das Mães e muita união, paz a todas as famílias e que todo mundo pudesse, no próximo ano, estar gozando de muita saúde e aproveitando aquele Dia das Mães muito melhor do que deveria ser; a seguir fez uso da palavra o Sr. Ângelo Roberto Torres que, mais uma vez, cumprimentou a todos, dizendo que dando continuidade ao que ele estava dizendo, ele gostaria de





Câmara Municipal de Jaguariúna

Estado de São Paulo

estender lá o apoio dele aos nobres Pares na questão da feira livre, como o nobre colega Bozó e o Fred também disseram, era uma situação que eles vinham discutindo há vários anos, na ocasião até o nobre Secretário de Governo, o Valdir, era o Presidente daquela Casa, o pessoal queria mudar lá para a rua do Gothardo, lá embaixo, os feirantes procuraram por eles, e eles viam que, realmente, lá o pessoal necessitava, que há mais de quarenta anos aquela feira livre naquele local, era o local apropriado, ele via lá o colega Fred defendendo, se fosse para mudar de lugar, na questão da higienização como ele mesmo colocou, dizendo daquela forma, o estabelecimento comercial dele era na frente, então, se fosse pensar por aquilo teriam mudado lá atrás, mas não era justo, ele não sabia onde o Secretário trabalhava, o Valdir, o Ícaro, o Jackson, e que ele achava que foi mais falar pela parte da Saúde, mas a questão do Secretário do Trabalho e a questão do Ícaro, o pessoal estava lá há quarenta anos e tinha um decreto do Governador, ele não sabia porque o pessoal não estava trabalhando lá, era inadmissível um negócio daquele, então, ele achava que aquelas reuniões com os comerciantes, se não poderiam ir todos os Vereadores por questão de aglomeração, convidasse pelo menos o Presidente e se o Presidente não pudesse ir, ele iria em uma e na outra ele nomeava outro e, daquela forma, por diante, mas que aquela Casa estivesse presente para dar opinião, mas ia, como dizia o ditado, “goela abaixo”, daí iam nos feirantes, o Celso, que era o menino do queijo de Minas, era amigo, na época ele até falou com o Valdir e o Valdir disse que entregar nas casas tudo bem mas, a questão dele era o queijo que era mais fácil, e os outros como fariam? Então, mais uma vez ele queria lá estender o apoio dele e esperava que aquela Casa fosse atendida naquela solicitação e que eles já pudessem no próximo sábado voltar a feira livre e, falando em feira, eles viam lá a obra do Centro Cultural, onde iria ser a FEART, coisa bonita que estava ficando lá, iria ser muito bom para o pessoal, e que ele achava que tinha lá o apoio para ajudar os feirantes e lá poderia ser a mesma coisa; na questão do Governador, ele voltava a dizer que impunha nos municípios, impunha no cidadão, impunha nos munícipes, só que a parte do Governo sossegado, pedágio, passou, pagava, ele até falou para a moça que era engraçado, que lá não tinha Coronavírus, porque ela pegava o dinheiro dele e dava o troco, ela disse : “Então, moço!”, então, estava lá, ele até fez o requerimento e ele com o Magrão conversaram lá na RENOVIAS a possibilidade de, durante a pandemia, melhorar um pouco a situação dos caminhoneiros que já não tinham frete, ele não queria ser taxado de todas as vezes estar brigando naquele sentido, mas era uma situação que estava se





Câmara Municipal de Jaguariúna

Estado de São Paulo

agravando; disse que, na semana passada, foi a questão da balança, o pessoal pesando, às vezes, o cara tinha um frezinho maior que ele pensava que iria dar um lucrinho maior, daí vinha a multa de excesso de peso e não tinha jeito; realmente, ficava lá o repúdio dele ao Governador por aquela situação; ele sabia que tinham as concessionárias, RENOVIAS, AUTOBAM, CCR, mas que eram monitoradas pelo Governo, através da Secretaria de Transportes, a ARTESP poderia estar vendo aquela situação; na questão da CPFL, eles estavam falando lá e ele se lembrou de uma situação que ele não iria nem comentar mas, aquela semana, ele recebeu uma notificação de cartório para pagar dia vinte de junho a importância de trinta reais e quem protestou foi a CPFL, só que ele nunca teve uma conta de trinta reais, primeiro erro e ele foi três vezes no escritório deles lá e não conseguiu falar com ninguém, fechado, ligava no escritório deles e não atendia, então, era uma situação que ele não sabia de onde eles tiraram aqueles trinta reais, não sabia se foi troca de relógio, se foi a conta ou não foi, mas o protesto chegou no nome dele, então, quando abrisse o cartório ele iria lá ver o que ocorreu; disse que no mês passado, por causa daquele negócio da lotérica fechada, a mãe dele lá com a conta dela também, e ficou no paga, paga, a Luciana e o Gabriel, por fim os dois pagaram a conta da mãe dele só que, no mês corrente, a conta chegou de novo, e daí iria ver se descontavam na próxima da próxima, da próxima, tomara que descontassem; aproveitou o gancho do Magrão, na questão da Caixa Federal, ele achava que a Prefeitura poderia, sim, colocar uma tenda lá como foi feito na área da Saúde, poderia colocar uma tenda, algumas cadeira para facilitar um pouco a situação para as pessoas que iam lá retirar os seiscentos reais, para muitas pessoas era de suma importância e com certeza iria ajudar muito; desejou lá, especial à mãe dele, dona Cida Torres e em nome dela saudar todas as mães de Jaguariúna e do País, às mães daquela Câmara e que Deus abençoasse sempre todas elas, que eram as mães que os carregavam no ventre durante nove meses e depois sempre era o escudo e a rocha de todos; lembrou que, naquele dia, conversando com a mãe dele, ele disse que iria fazer cinquenta e sete anos e foi com aquela idade e um pouco antes até que o pai dele adoeceu, porque ele perdeu o pai dele com cinquenta e oito anos, e a mãe dele falou uma frase bonita para ele, ele até confessou que, naqueles dias, ficava um pouco para baixo, aquele negócio de epidemia, amigos se enfartando, perdeu um amigo naquela semana com cinquenta e três anos enfartado, então, ele ficava lá martelando as coisas, daí ele ficava olhando, ele gostava muito de criações, as crianças dele, os netos dele e ele via o amor que o pai dele tinha pelas criações, pelas crianças, então, ele ficava pensando naquilo,



Câmara Municipal de Jaguariúna

Estado de São Paulo

tudo aquilo e naquele momento ele vivia aquilo, quase com a idade que ele se foi, então, ele pensava: “Nossa! Quanto que o pai poderia ser feliz se ele estivesse com eles até aquele momento!” Daí, a mãe dele virou e falou para ele que todos vinham no mundo com uma missão e ele cumpriu a missão dele, partiu cedo, mas deixou aqui seu legado; daí ele percebeu que uma senhora com setenta e oito anos falar aquilo, deu nele um chá de ânimo, então, era por aquelas guerreiras que ele tirava o chapéu; desejou à mãe dele um feliz Dia das Mães e que Nossa Senhora Aparecida abençoasse a todos sempre, que era a padroeira do Brasil; em seguida, fez uso da palavra o Sr. Afonso Lopes da Silva destacando lá uma questão importante, inclusive aquela proposição foi da Vereadora Cássia, a questão da “fake news”, ele não sabia se todos acompanharam, se acabaram falando lá, mas ele não se lembrava, e que foi aprovada uma lei estadual contra a questão da “fake news”, de autoria de uma pessoa que todos conheciam muito, que era o Edmir Chedid, e a multa começava pelo que ele viu lá, começava com cinco mil e era claro que ainda estava para a sanção do Governador, daí ia ser criado um Fundo contra a “fake news”, a partir daquelas multas, contra as notícias falsas, era uma questão importante dentro da discussão que eles fizeram lá, que, realmente, a questão da internet virou uma terra de ninguém, sem identidade e ele achava que as pessoas que raciocinavam um pouco via aquilo lá, sabiam que muita coisa lá virou palhaçada, então, eles como cidadãos, como pessoas verdadeiras, tinham de aplaudir aquela lei e que, às vezes, a lei não resolvia tudo, o que resolvia era o caráter das pessoas mas, ele achava que era um grande passo que a sociedade estava colocando contra as falsas discussões que destruíam as pessoas na questão do ponto de vista moral e eles tinham de aplaudir aquele tipo de lei e acompanhar, porque era muito importante para a sociedade; deixou lá um abraço para todas as mães, principalmente, para a mãe dele, a Maria Francisca que era uma pessoa muito importante do ponto de vista de ter criado dez filhos; disse que o pai dele era uma pessoa muito austera, pegava muito no pé deles e, realmente, era um cabra da peste como dizia lá na terra dele, e a mãe dele não, e com aquele jeito dela meigo, tranquilo ela resolvia todos os problemas, então, dela ficava aquele legado deles verem as coisas do ponto de vista da serenidade, da sinceridade; deixou um abraço para todas as mães que iriam comemorar no próximo domingo, e era claro, em casa, cada um na sua casa. O Sr. Presidente lembro a todos que, no dia seguinte, haveria reunião de Comissões, pois tinha alguns projetos para estudos. Terminada a Explicação Pessoal, o Sr. Presidente encerrou a Sessão, convocando a próxima Sessão Ordinária para o dia doze de





Câmara Municipal de Jaguariúna

Estado de São Paulo

maio de dois mil e vinte, terça-feira, com início determinado para as dezoito e trinta horas. Nada mais havendo a tratar, lavrei a presente ata que lida e achada conforme, vai devidamente assinada.

Vereador Walter Luís Tozzi de Camargo
Presidente

Vereadora Cássia Murer Montagner
Vice Presidente

Vereador Afonso Lopes da Silva
Primeiro Secretário

Vereador Cristiano José Cecon
Segundo Secretário